Os novos *media* como mediadores e potenciadores de relações intergeracionais

Ana Melro, Lídia Oliveira
Universidade de Aveiro, CETAC.MEDIA
anamelro@ua.pt, lidia@ua.pt

Resumo

Quer o nascimento dos indivíduos tenha ocorrido na altura do surgimento da televisão, do computador ou do telemóvel, todos eles representam um papel diferente nas suas atividades quotidianas, percecionados como imprescindíveis na medida em que são considerados como necessários para manter contacto com os pares ou familiares, como forma de entretenimento, para trabalhar ou estudar, etc.

A utilização dos novos *media* ocorre de forma transversal aos contextos e tempos sociais, mas também às relações, quer sejam as estabelecidas entre indivíduos pertencentes à mesma geração ou a gerações diferentes. É sobre estas em particular que se debruça o interesse desta comunicação. Pretende-se refletir sobre a mediação e até a potenciação que os *media* elaboram para a e na ocorrência das relações intergeracionais, mais concretamente, as relações familiares entre pais, filhos e avós, residentes em meio rural. Com esse objetivo, analisam-se os inquéritos por questionário aplicados no território rural português (Continente e Ilhas) no ano de 2012, no âmbito da tese de doutoramento "Gerações de ecrã em meio rural", desenvolvida na Universidade de Aveiro e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Palavras-chave: novos media; relações intergeracionais; meio rural português

Introdução

As mais variadas tarefas que permitem desempenhar, a forma como permitem ter um contacto em tempo real com quem está mais afastado, a facilidade com que se consegue interagir com algo que está a ocorrer a quilómetros de distância, fazer parte de muito, ainda que se esteja afastado de tudo, são mais-valias que todas as gerações já aceitaram e reconheceram como estando associadas aos novos *media* e, por isso, a sua utilização poderá considerar-se como sendo um fenómeno multigeracional e não apenas exclusivo de uma geração em particular.

Poder utilizar os *media* em qualquer altura, em qualquer lugar é a mais-valia que surge associada igualmente às relações que se estabelecem nos dias de hoje, (familiares, laborais ou de amizade), ou seja, a capacidades de, em qualquer altura do dia, poder estar conectado a qualquer pessoa, em qualquer sítio. E apenas é exigido porque é possível, e porque se sente essa necessidade, de ter conhecimento de tudo independentemente da hora, quer esteja a acontecer mesmo à porta de casa, ou num país longínquo.

Torna-se, igualmente, necessário estar presente para várias tarefas a qualquer hora e em qualquer lugar, não sendo possível, com a mesma simplicidade como o era há uns anos atrás, definir fronteiras entre o que é estabelecido como tempo e lugar de trabalho e, por oposição, tempo e lugar de lazer ou familiar, assistindo-se, por isso, a uma continuidade espácio-temporal dos mais variados contextos (de lazer, laboral/escolar e familiar), o que obriga, não apenas a uma reestruturação e reorganização desses mesmos tempos e lugares, mas, igualmente, das relações estabelecidas entre os indivíduos.

Nesta comunicação reflete-se acerca da utilização de novos *media* – televisão, computador/internet e telemóvel – por três gerações familiares, residentes no meio rural português, sendo os principais objetivos: compreender a forma como é realizada essa utilização nas diferentes gerações, que auxilia à compreensão sobre a maneira como ocorrem as relações intergeracionais, por exemplo, na resolução de problemas encontrados, ou, ao contrário, no aumento dos conflitos.

A comunicação está organizada em três partes essenciais: a primeira onde se fará uma breve incursão sobre a integração dos novos media no meio rural português, ao longo das gerações em estudo – 1950, 1970 e 1990 –; a segunda na qual será discutido o que se entende por relações inter e multigeracionais; e, por último, será abordada a metodologia utilizada para a recolha de dados, bem como a discussão sobre os próprios dados recolhidos.

1. Os novos *media* no meio rural português

O desenvolvimento do estudo em meio rural traduz-se numa forma diferente de abordar a temática da utilização dos novos *media*. A questão da divisão digital entre meio rural e urbano é pertinente também para se compreender como decorrem as práticas quotidianas com o recurso aos novos *media*. Será o meio rural desfavorecido em termos de acesso a tecnologias? Será a sua utilização nos diversos contextos diminuta? Estas foram algumas das questões que se pretenderam investigar.

Iniciando a análise com alguns resultados estatísticos, o relatório *Anuário Estatístico de Portugal 2011* (INE, 2012), informa da percentagem de acesso a computador nos agregados domésticos. As regiões com maior número de freguesias rurais, são as que apresentam percentagens mais baixas: Norte com 62,8% e Alentejo com 53,6%, uma diferença de quase 10% da primeira e 20% da segunda em relação a Lisboa (71,4%). Valores para a ligação à internet revelam a mesma diferença, 55,1% no Norte, 48,8% no Alentejo e 68% em Lisboa, a percentagem mais elevada do País (INE, 2012, p. 619). E, em relação à ocupação do tempo, surgem como indicadores atuais, a utilização de redes sociais, que, ao contrário da detenção da tecnologia, é feita durante mais tempo na região Interior Norte do País, cerca de 102 minutos por dia (em contraste com os 86 minutos diários na Grande Lisboa ou com os 94 minutos no Grande Porto). Relativamente às diferenças entre as faixas etárias, verifica-se que os indivíduos entre os 15 e os 24 anos de idade são os utilizadores mais frequentes de redes sociais (116 minutos diários), seguidos dos situados entre os 45 e os 64 anos (86 minutos).

A relação entre o meio rural e a utilização de novos *media* tem assumido uma importância crescente ao longo dos anos, sobretudo, após o Plano Tecnológico de 2005 do Governo Português, que iniciou a distribuição de computadores pelos alunos do 1º ciclo, distribuição que contribuiu para favorecer o seu crescente uso pelos alunos residentes no meio rural. Quem muito se tem debruçado sobre este assunto é António Osório (2005), que observou o uso regular do computador por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico no meio rural do Gerês (Norte de Portugal), decorrente do programa *Internet na Escola*, sobretudo, a forma como a utilização dos novos *media* se imiscui nas características rurais. Dos resultados apresentados, sobressaem as vantagens de utilização dos *media* por parte das crianças, e a forma como contribuíram para melhorar a sua aprendizagem.

Um estudo de grande dimensão em termos de abordagem da relação entre o rural e as novas tecnologias foi o *Projecto Ruraltech – Rede Europeia para a Promoção das Novas Tecnologias em Territórios Rurais*. Em Portugal, o estudo foi desenvolvido pelo Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional do Instituto Politécnico de Castelo Branco (CEDER/IPCB), em freguesias rurais dos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Rodão. O fator promotor do estudo foi a designada "fratura digital", do meio rural em relação ao urbano, no que à igualdade de oportunidades de acesso aos *media* diz respeito. Para esta desigualdade contribui o "isolamento geográfico, a escassez demográfica, a limitação de implantação de empresas, a falta de investimento público na área das tecnologias" (Castela & Garcia, 2005, p. 28).

Será pertinente analisar a forma como os novos *media* se entrosaram nos vários contextos dos indivíduos – familiar, escolar e laboral e de lazer – e como vieram produzir novas formas de organização e gestão do quotidiano. Uma das alterações produzidas pela utilização dos *media* é a relacionada com o tempo e o espaço, com o profundo sentimento de continuidade entre contextos, tarefas e tempos. Pinto (2000) assume que estas alterações significam uma rutura e descoincidência entre tempos e lugares, assim, o autor concorda que ao longo dos anos e dos séculos, "não ocorreu apenas uma ruptura ou uma descoincidência entre tempo e lugar; ocorreu igualmente uma profunda mudança na relação dos agentes e dos grupos sociais com o tempo e o lugar" (Pinto, 2000: 54), que os "obriga" a estar disponíveis quase 24 horas por dia, e mesmo conectados e informados, daí que possamos quase designar-nos como indivíduos virtuais, como defende Turkle (1997), ou indivíduos de ecrã.

O espaço rural tem uma lógica própria e considera-se, por isso, necessário inventar "novos rurais" (Figueiredo, 2011: 19) ou reinventar o rural existente, através de contornos totalmente inexistentes ou dos que já se vão verificando em algumas zonas rurais. Essa reinvenção ocorre ao longo das gerações e do que estas trazem consigo: hábitos, culturas, valores, consumos, formas de fazer, etc., que passam, muitas vezes, pela (não) existência dos novos *media*, porque mesmo quando estes se pretendem excluir, isso evoca em si uma existência subliminar, fazendo parecer que é necessário um programa especial para que uma pessoa, atualmente, se consiga afastar dos *media*, dos ecrãs, da tecnologia.

Os *media* ganham uma grande relevância, sobretudo, porque permitem a renovação de práticas, da mesma forma que poderão contribuir para combater as características atuais menos positivas dos meios rurais (o envelhecimento da população, a baixa escolarização, entre outras). Como referem ainda Figueiredo e Ferrão (2007), é através dos *media* (e não só) que fica facilitada a aproximação entre regiões, contribuindo, dessa forma, para a redução da exclusão económica, social, cultural,

mas também geográfica e que fica possibilitado o conhecimento de ações de empreendedorismo e, através dele, do desenvolvimento local (Figueiredo & Ferrão, 2007: 10-11).

No entanto, e apesar de já se assistir a uma forte existência dos novos *media* no meio rural, essa inserção também não tem sido realizada da mesma forma que no restante território nacional. Aliás, ao longo dos anos tem-se vindo a verificar que, apesar das transformações que ocorreram a todos os níveis, essas são menos evidentes e repentinas no rural, o que proporciona a existência de uma hibridez de características, existências, necessidades, residentes/visitantes e, forçosamente, de práticas e modos de fazer, hábitos e costumes. Pode dizer-se, então, que o meio rural é o local que já não é, mas que ainda não deixou de ser e, talvez por isso, suscite tanta curiosidade.

Os novos *media* possibilitam a ubiquidade e a transversalidade de espaços, e esse "em qualquer lugar e em qualquer momento" conduz à busca do que Bauman (2000) designa de instantaneidade, segundo o autor, são as pessoas que conseguem mexer-se e agir mais rápido que comandam, e, o contrário, as pessoas que têm mais o hábito de procrastinar, de demorar, de se atrasar que são comandadas (Bauman, 2000: 119-120), fazendo uma analogia com os meios rural e urbano, na primeira categoria, de rapidez e instantaneidade, estaria o urbano, e na segunda categoria, incluir-se-ia o rural, mas já com vontade de atingir o estilo de vida citadino (exceto no que ao turismo diz respeito).

2. Relações inter e multigeracionais

É importante não apenas a idade ou o ano de nascimento para a definição da geração, mas também o são as relações familiares, sobretudo, na família nuclear e alargada (Scott, 2010: 255), não apenas para a definição de alguns autores (Mead, 1970; Scott, 2010) do conceito de geração, mas também para o estudo desenvolvido, uma vez que interessou compreender os usos e apropriações dos novos *media*, mas também a forma como esses usos se realizam no espaço familiar e o tipo de aprendizagem que foi realizada. Este enfoque esteve especialmente presente no trabalho empírico, através dos inquéritos por questionário. Nesse sentido, Scott (2010) refere que a autoridade das gerações mais velhas (adultos e seniores) é um pouco colocada em segundo plano, sobretudo no que diz respeito à utilização das tecnologias, ferramentas das quais as gerações mais novas terão mais conhecimento e o transmitem para as anteriores, as designadas culturas pós-figurativas (Scott, 2010: 256-257). No entanto, Mead (1970) define esta cultura pós-figurativa como três gerações estando em permanente contacto, apesar da imutabilidade da cultura das gerações mais velhas (Mead, 1970: 116).

A definição de geração para esta investigação reflete também sobre a intergeneracionalidade, definida por Villar (2007) como "o envolvimento dos membros de duas ou mais gerações em actividades que potencialmente possam torná-los conscientes das diferentes perspectivas (geracionais)." (Villar, 2007: 115), mas também a multigeracionalidade, ou seja, "a partilha de actividades e características entre gerações, mas não necessariamente uma interacção ou influência entre elas." (Villar, 2007: 116). Pode compreender-se, então, que não estão aqui em causa os indivíduos isoladamente, mas em constante interação, pertencentes a uma geração específica, e a utilização que fazem dos media, assim como a partilha e aprendizagem realizada entre gerações, sobretudo, os avós, os pais e os filhos, como refere Eisenstadt (Eisenstadt, 1976 [1956]) "o próprio processo de maturação das várias qualidades biológicas inerentes a um indivíduo é lento e depende, em larga medida, da interação constante e da aprendizagem com outras pessoas." (Eisenstadt, 1976 [1956]: 5).

Ao longo do século XX, as famílias tiveram um salto na estrutura e dinâmica. A título de exemplo, no final do século, surgem outros conceitos associados à família: tecnologia, globalismo e transição demográfica. Para além dos impactos proporcionados pela tecnologia em termos demográficos (por exemplo, os métodos contracetivos que permitiram controlar a fertilidade), os telemóveis, a televisão e os computadores afetaram a vida íntima familiar de várias formas. Alvin Toffler (1980) acreditava que os computadores iriam contribuir para trazer de volta os sentimentos de família e união. Para além disso, "o futuro do mundo e das suas famílias incluem não apenas a pressão populacional, mas as migrações em massa [sobretudo, os movimentos dos meios rurais para os urbanos], os conflitos armados, e as mudanças climáticas" (Adams, 2010: 501-504), aos quais se acrescentam as pressões tecnológicas.

Rivoltella (2010), que incide as suas investigações na geração dos jovens, apelida-os mesmo de geração de ecrã e refere que são idades onde se relaciona com uma multiplicidade de ecrãs e marcadas pela presença importante do telemóvel. Aliás, o telemóvel é considerado um instrumento de articulação da relação intergeracional dentro da família (Rivoltella, 2010: 6). Para Salovaara (2010), que estudou a utilização dos novos *media* pelos seniores, há várias situações que iniciam os seniores na procura dos meios de comunicação e informação, são elas, a reforma, a situação financeira, a alteração das relações sociais, devida à saúde e morte dos pares, a passagem a avós, e a mudança de residência (Salovaara *et al.*, 2010: 803-804), mas a aprendizagem e a sua utilização massiva apenas acontecem se já tiverem alguma experiência

passada, da mesma forma que o apoio contínuo em termos de ensino encoraja as atitudes positivas em relação ao uso das TIC (Hernández-Encuentra *et al.*, *cit. in* Salovaara *et al.*, 2010: 808).

Estes estudos foram importantes para a distinção de nativos digitais e imigrantes digitais, desenvolvida por Marc Prensky (Prensky, 2001a, 2001b). Para o autor, há uma geração, mais nova, que cresceu acompanhada de toda a parafernália de novas tecnologias: computadores, jogos de vídeo, leitores de música, câmaras de vídeo, telemóveis, e outras características da era digital, sendo por isso native speakers, ao contrário dos imigrantes digitais que não nasceram, nem cresceram nesta era, apenas foram apanhados na avalanche de novidades digitais, e utilizam os artefactos, mas são constantemente comparados com os anteriores. Para além disso, mantêm um "sotaque" que os diferencia da naturalidade dos nativos (Prensky, 2001a: 1-2).

No entanto, até Prensky (2009) já abandou esta distinção, dando relevância aos conceitos de *digital wisdom* e de *human wisdom* que não são específicos de uma geração, mas de todas, desde que a apropriação e a utilização dos *media* se faça de forma crítica e inteligente (Prensky, 2009: 2). Esta postura crítica e inteligente associada à utilização dos *media* só se consegue através da partilha de conhecimentos, de perigos e de atitudes a ter em causa. Por sua vez, esta partilha é possível entre os que têm mais preparação ou relacionamento com os media e os que têm menos, são as experiências, mas também a recolha de informação que permitem a obtenção de tais conhecimentos. Para além disso, num nível mais abstrato e num âmbito mais geral, a partilha entre as diferentes gerações "é essencial para o funcionamento e continuidade do sistema social." (Eisenstadt, 1976 [1956]: 13).

O estudo da utilização dos novos *media* pode – e deve –, por isso, ser realizado de forma dinâmica, onde se abordam, por um lado, os objetivos de utilização dos meios, bem como a "dieta mediática" dos indivíduos; e, por outro lado, as dinâmicas familiares que os artefactos tecnológicos potenciam, desde a socialização primária (nos indivíduos mais novos) à secundária (em fases da vida mais avançadas), passando pela forma como as escolhas dos indivíduos em termos de *media* podem afetar as suas relações com os outros elementos da família, havendo lugar a uma "retro-socialização" e a uma reconstrução dos valores, das identidades e das culturas geracionais (Jorge, Brites, & Francisco, 2011: 105).

Conclui-se, por isso, que é necessária uma constante reinvenção dos vínculos e das relações sociais e familiares que promovam as ligações intergeracionais. Os novos media e a sua utilização poderão potenciar essa reinvenção e até refortalecimento dos vínculos. Lévy (1997 [1994]) sugere a realização do projeto "Espaço do saber", através do qual se promove a "aprendizagem recíproca, a sinergia das competências, a imaginação e a inteligência colectivas." (Lévy, 1997 [1994]: 34).

3. Metodologia

Para a recolha de dados foi utilizado o inquérito por questionário, aplicado a três gerações familiares: Avós, Pais e Filhos. Para a definição da amostra partiu-se do pressuposto de que a maneira como se chegaria aos Pais e Avós seria através dos Filhos, logo, através do contexto escolar. Assim, foram selecionados 13 concelhos (Macedo de Cavaleiros, Vieira do Minho – Norte; Sabugal, Penela – Centro; Nisa, Odemira, Mértola – Alentejo; Vila do Bispo, Alcoutim – Algarve; Nordeste, Lajes do Pico – Região Autónoma dos Açores; e, Porto Moniz, Santana – Região Autónoma da Madeira), dos quais se escolheram escolas que tivessem os 2º e 3º ciclos e o nível secundário.

Foram, então, recolhidos 1.157 inquéritos e validados 1.151. Na subsecção seguinte irão apresentar-se alguns dos resultados mais relevantes.

3.1. Resultados

Uma vez que o inquérito por questionário foi aplicado a Avós, Pais e Filhos, o estudo continha três grupos amostrais independentes, cujos dados recolhidos se cruzaram posteriormente. Relativamente à caracterização de cada um dos grupos, foram recebidos 437 inquéritos dos Filhos, dos quais 210 (55,4%) eram do sexo masculino e 227 (30,2%) do feminino; 391 dos Pais, sendo 100 (26,4%) do sexo masculino e 291 38,7%) do sexo feminino; e, 309 inquéritos respondidos pelos Avós, 69 (18,2%) de respondentes do sexo masculino e 233 (31%) do feminino.

As faixas etárias mais representativas situavam-se nos 11 a 20 anos (37,3%), dos 41 aos 50 anos (19,4%), dos 71 aos 80 anos (10,3%) e dos 31 aos 40 anos (10%). Relativamente ao nível de escolaridade, nos Filhos, 36,1% frequentavam o 2º ciclo do ensino básico, 36,7% o 3º ciclo do ensino básico e 27,2 o ensino secundário. Nos Pais, 18,5% tinha o 9º ano completo, 17,5% tinha o 12º ano completo, 15,2% afirmou ter o 6º ano de escolaridade e 14,2% a 4ª classe, percentagem mais elevada do que os que afirmaram ter um curso de ensino superior (13,2%). Em relação aos Avós, mais de metade dos respondentes (51,8%) referiu possuir a 4ª classe e ainda um valor bastante elevado (14,6%) referiu ser analfabeto.

No que diz respeito à situação socioprofissional dos Pais, 24,7% afirmaram ser funcionários públicos, 16,7% empregados por conta própria e 13,5% encontravam-se em situação de desemprego. Quanto aos Avós, 76,4%

estavam reformados.

Após esta breve caracterização sociodemográfica dos inquiridos, será pertinente, agora, analisar os novos media que foram assinalados como detidos pelos respondentes. Na tabela 1 pode verificar-se que a maioria dos inquiridos refere ter pelo menos um dispositivo de todos os *media*, sendo a televisão aquele que mais vezes foi mencionado como havendo até três dispositivos na mesma casa. Aliás, das respostas dadas relativamente à localização dos artefactos, a sala (80% das respostas), o quarto (47,7% das respostas) e a cozinha (50,3% das respostas) são os três compartimentos onde mais se localiza a televisão.

Uma grande maioria dos inquiridos indicou ter pelo menos um telemóvel (84,2%), um *smartphone* (76,7%), ainda a existência bastante acentuada de telefone fixo (80,8%) e, em muitas respostas, de dois destes dispositivos (8,7%), um computador fixo (82,8%) e um computador portátil (79,8%). A posse de ligação à internet (81,8%) está bastante relacionada com a posse de computadores, sendo, por isso, os valores bastante aproximados.

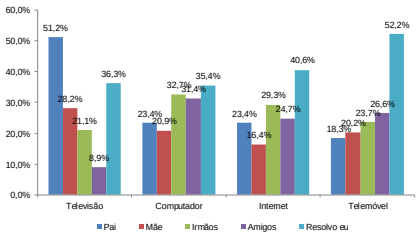
Tabela n.º 1: *Media* que os inquiridos possuem, por número de vezes assinalados (%)

	Media								
Nº de vezes assinaladas	Televisão	TV Cabo/ Satélite	Rádio	Telemóvel	*Smartphone*	Telefone fixo	Computador fixo	Computador portátil	Ligação à Internet
0	1,0	9,9	25,4	9,7	23,3	9,1	14,7	10,5	11,3
1	34,3	47,4	66,5	84,2	76,7	80,9	82,8	79,8	81,8
2	43,4	31,8	6,3	5,7	1,3	8,7	2,1	7,0	4,2
3	19,6	8,9	1,9	1,2	0,3	1,1	0,3	1,7	1,4
4	3,0	1,5	0,1	0,3	0,0	0,3	0,2	0,4	0,5
5	0,6	0,6	0,1	0,4	0,1	0,0	0,0	0,3	0,6
6	0,1	0,0	0,0	0,1	0,2	0,0	0,0	0,1	0,2
7	0,0	0,0	0,0	0,3	0,1	0,0	0,0	0,2	0,0

Passando à análise das relações intergeracionais familiares que são estabelecidas entre os inquiridos, julgou-se pertinente verificar a quem recorrem quando se encontram perante um problema e/ou dificuldade na utilização dos *media*.

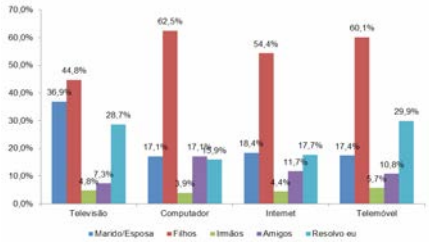
Nos gráficos 1, 2 e 3 podem ver-se as respostas dos Filhos, Pais e Avós, respetivamente, no que diz respeito a cada um dos novos media em estudo – Televisão, Computador/Internet e Telemóvel.

Gráfico n.º 1: Quem ajuda a resolver problemas com os novos *media*, Filhos (%)



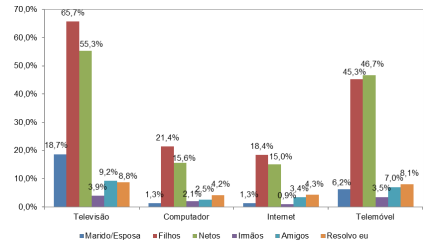
O gráfico 1 mostra que televisão é o dispositivo em que mais é procurado o pai para resolver problemas (51,2%), no entanto, a segunda opção é resolver a própria pessoa (36,3%). Aliás, não procurar ninguém e resolver sozinho os problemas com a tecnologia é a situação mais frequente no caso dos Filhos para todos os outros *media* – computador, internet e telemóvel –, ainda que, no caso do computador e da internet procurar a ajuda dos irmãos seja algo também frequente (32,7% e 29,3%, respetivamente).

Gráfico n.º 2: Quem ajuda a resolver problemas com os novos *media*, Pais (%)



Em relação ao gráfico 2, é notória a recorrência aos Filhos em caso de problemas com os *media*, situação menos frequente com a televisão, mas que não deixa de ser também em maioria a procura dos Filhos. Mais uma vez, remete-se para a cultura pré-figurativa de Margaret Mead (1970), com os adultos a procurarem nos mais novos a aprendizagem para trabalhar com os artefactos.

Gráfico n.º 3: Quem ajuda a resolver problemas com os novos *media*, Avós (%)



Para os Avós é bastante evidente o papel que os Filhos e Netos têm na ajuda de resolução de problemas com os novos *media*, sendo essa ajuda particularmente relevante na televisão e no telemóvel, não deixando, no entanto, de se verificar no caso do computador e da internet, estes com valores mais baixos devido à frequência de utilização.

3.2. Discussão de resultados

Na análise dos gráficos anteriores sobressai a distinção de Prensky (2001a, 2001b) entre "nativos digitais" (Filhos) e "imigrantes digitais" (Pais e Avós), ou mesmo de White e Cornu (2011) de "residentes" (Filhos)

e "visitantes" (Pais e Avós), esta última distinção no caso da utilização da internet. De facto, há uma clara diferença entre as competências infocomunicacionais que são detidas pelas gerações mais velhas e pelas mais novas, o que promove que as últimas sejam mais vezes procuradas para ultrapassar dificuldades que as primeiras possam encontrar na utilização dos novos *media*, exceção feita, na maioria das vezes, em relação à televisão. Talvez, como já se referiu, isso se deva ao ano de nascimento quer dos indivíduos, quer das próprias tecnologias, cujo crescimento em conjunto promove uma familiaridade que as outras gerações não têm. Assim, os "visitantes" ou "imigrantes digitais" sentem-se um pouco à parte e até resistentes nesse novo mundo tecnológico, enquanto os "residentes" ou "nativos digitais" se sentem como fazendo parte dele.

Os resultados dos gráficos anteriores vão de encontro a conclusões retiradas em outros estudos, por exemplo, Teixeira-Botelho (2011) considera que não são apenas os filhos que ajudam os pais e os avós, como representam também uma das gerações que mais influência tem nas compras, no dinheiro e nas regras da casa. Estes aspetos, segundo a autora, eliminam as regras há muito estipuladas nas famílias, tornando-as mais democráticas (Teixeira-Botelho, 2011, p. 32). Também Ana Nunes de Almeida e a sua equipa na investigação *As crianças e a Internet* (2011) concluíram que, apesar dos pais serem os detentores dos recursos (novos *media*) deixaram de ser eles os detentores do capital de conhecimento suficiente para ensinarem os filhos a utilizá-los. A lógica pedagógica inverte-se "são os filhos que ensinam, acompanham, monitorizam os pais no acesso e aprendizagem [...]" (Almeida, *et al.*, 2011, p. 69).

Relativamente à questão das relações intergeracionais, é importante verificar o papel da "[...] internet poder servir de canal de aproximação entre gerações, embora cada geração possa ter os seus próprios motivos." (Cardoso, 2009: 31), mas acrescenta-se o papel dos outros *media* como importantes elementos mediadores entre gerações e entre membros da mesma geração (grupos de pares) e dentro das famílias.

Conclusão

Apesar das relações sociais presenciais sofrerem um decréscimo, sobretudo, nas gerações dos anos 90, as relações intergeracionais são subentendidas através das respostas dos inquiridos como tendo aumentando, sendo mesmo referidos como mais utilizados os *media* que permitem essa interação presencial, como a televisão. Para além disso, são, ainda, favorecidas as relações de cooperação entre os membros das diferentes gerações, por exemplo, quando é necessária ajuda para resolver algum problema com a tecnologia, os Filhos (a geração mais nova) recorrem aos irmãos mais velhos ou aos pais. Mas o contrário também se verifica, com os Pais ou Avós a solicitarem ajuda para solucionar algum entrave em tecnologias com que se encontram menos familiarizados, como o telemóvel ou a internet.

Estas relações intergeracionais familiares, de cooperação são o que Pierre Lévy (1997 [1994]) compreendeu que seria uma aprendizagem recíproca, onde as sinergias criadas entre o que são as competências e as dificuldades possibilitam a criação de uma inteligência coletiva (Lévy, 1997 [1994]: 34), desta forma, evita-se o designado "desperdício da experiência" (Santos, 2002[2000]: 78-80), e fomenta-se a existência das relações e a criação de laços entre gerações.

Referências bibliográficas

Almeida, A. N. de, Delicado, A., Alves, N. de A., & Carvalho, T. (2011). *As crianças e a internet: relatório da 2ª fase de trabalhos - entrevistas a crianças, pais e professores*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. Retirado de http://www.crinternet.ics.ul.pt/icscriancas/content/documents/rel_final.pdf (acedido a 11 de setembro de 2013).

Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press.

Cardoso, G. (2009). *Do Quarto de Dormir para o Mundo*. Lisboa: Âncora Editora.

Castela, A., & Garcia, A. (Coord). (2005). *Tecnologias da Informação e da Comunicação no Espaço Rural - Fiat Lux*. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Eisenstadt, S. N. (1976 [1956]). *De Geração a Geração. Estudos* (Vol. 41). São Paulo: Editora Perspectiva.

Figueiredo, E. (2011). Introdução: Um rural cheio de futuros? In E. Figueiredo (Ed.), *O Rural Plural - olhar o presente, imaginar o futuro* (1ª ed., pp. 13–46). Castro Verde: 100 Luz.

Figueiredo, E., & Ferrão, P. (2007). O conhecimento não cresce nas árvores: os desafios da sociedade do conhecimento e o mundo rural em Portugal. *III Congresso de Estudos Rurais*. Faro: Universidade do Algarve. Retirado de http://aveiro.academia.edu/ElisabeteFigueiredoProfessor/Papers/100401/O_conhecimento_nao_cresce_nas_arvores_os_desafios_da_sociedade_do_conhecimento_e_o_mundo_rural_

em_Portugal (acedido a 11 de setembro de 2013).

INE (2012). *Anuário Estatístico de Portugal 2011*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Retirado de http://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=152751680&att_display=n&att_download=y (acedido a 11 de setembro de 2013).

Jorge, A., Brites, M. J., & Francisco, K. (2011). Contactar, entreter, informar: um retrato da inclusão digital de jovens e seus familiares em Portugal. *Observatorio (OBS*)*, *5*(3), 101–131. Retirado de http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/479/449 (acedido a 11 de setembro de 2013).

Lévy, P. (1997[1994]). *A Inteligência Colectiva. Para uma Antropologia do Ciberespaço. Epistemologia e Sociedade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Mead, M. (1970). *Conflito de Gerações*. (Vol. 11). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Osório, A. (2005). E-learning em escolas rurais ou isoladas. *Xornadas da Sociedade da Iinformación en Espácios Periféricos*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Retirado de http://hdl.handle.net/1822/5665 (acedido a 11 de setembro de 2013).

Pinto, M. (2000). *A televisão no quotidiano das crianças*. Porto: Edições Afrontamento.

Prensky, M. (2001a). Digital Natives, Digital Immigrants Part 1. *On the Horizon*, *9*(5), 1–6. Retirado de http://www.marcprensky.com/writing/prensky - digital natives, digital immigrants - part1.pdf (acedido a 11 de setembro de 2013).

Prensky, M. (2001b). Digital Natives, Digital Immigrants Part 2: Do They Really Think Differently? *On the Horizon*, *9*(6), 1–6. Retirado de http://www.marcprensky.com/writing/prensky - digital natives, digital immigrants - part2.pdf (acedido a 11 de setembro de 2013).

Prensky, M. (2009). H. Sapiens Digital: From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom. *Innovate*. Miami: Fischler School of Education and Human Services. Retirado de http://innovateonline.info/pdf/vol5_issue3/H._Sapiens_Digital-___From_Digital_Immigrants_and_Digital_Natives_to_Digital_Wisdom.pdf (acedido a 11 de setembro de 2013).

Rivoltella, P. C. (2010). La screen generation: media, culture e compiti dell'educazione. *Cittadini in Crescita*, (2), 5–9. Retirado de http://www.minori.it/files/cittadini_in_crescita_2_2010_0.pdf (acedido a 11 de setembro de 2013).

Salovaara, A., Lehmuskallio, A., Hedman, L., Valkonen, P., & Näsänen, J. (2010). Information technologies and transitions in the lives of 55-65-year-olds: The case of colliding life interests. *International Journal of Human-Computer Studies*, *68*, 803–821.

Santos, B. de S. (n.d.). *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. (4ª ed., Vol. 1). São Paulo: Cortez.

Scott, P. (2010). Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Revista Sociedade e Estado*, *25*(2), 251–284. Retirado de http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/06.pdf (acedido a 11 de setembro de 2013).

Teixeira-Botelho, I. (2011). *Geração Extreme*. Lisboa: Edições Sílabo.

Toffler, A. (1980). *The Third Wave*. Nova Iorque: William Morrow.

Turkle, S. (1997). *La vida en la pantalla. La construcción de la identidad en la era de Internet*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.

Villar, F. (2007). Intergenerational or Multigenerational? A Question of Nuance. *Journal of Intergenerational Relationships*, *5*(1), 115–117.

White, D. S., & Cornu, A. Le. (2011). Visitors and Residents: A new typology for online engagement. *First Monday*, *16*(9). Retirado de http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/3171/3049 (acedido a 11 de setembro de 2013).